

# A Metodologia Projectiva e a Avaliação Psicológica na(s) Adolescência(s): O(s) Sentido(s) do(s) Sentido(s) (\*)

MARIA EMÍLIA MARQUES (\*\*)

## I

1. Estabelecer critérios que nos permitam olhar para o *processo adolescente* de forma a podermos separar, ao nível das suas *múltiplas expressões*, as dimensões aceitáveis, constitutivas e construtivas ou, pelo contrário, as dimensões inaceitáveis, desviantes e não construtivas, obriga-nos a discutir previamente três parâmetros essenciais que, embora aqui sejam apresentados separadamente, devem ser sempre mantidos ligados.

Em primeiro lugar, devemos estabelecer, com a maior clareza possível, uma *atitude* que fundará os objectivos, o processo e o percurso da avaliação. Essa atitude, função da nossa identidade profissional e do nosso saber e saber-fazer, deve ser alimentada por uma concepção mais ampla e que nos questiona mais profundamente, que consiste em tornar claro o estatuto que conferimos ao nosso objecto de estudo, estatuto esse que nos obriga a proceder de forma a poder-lhe dar voz viva, activa e inter-activa, voz esta que devemos fazer com que contenha a marca da

convergência, conciliação, coerência e integração possíveis entre passado, presente e futuro.

Como segundo parâmetro devemos ter presente que qualquer processo de constituição de saber, qualquer processo de atribuição de sentido, só se pode operar, na proximidade máxima e possível com o nosso objecto de estudo, com o recurso a *quadros de referência teóricos* bem estabelecidos, estáveis e o mais possível consensuais, que permitam não só balizar os limites da nossa interpretação, mas também, e sobretudo, definir os percursos possíveis para poder proceder a qualquer interpretação, a qualquer atribuição de sentido.

O terceiro parâmetro a considerar consiste na necessidade de constituir e construir, cuidadosamente, uma estratégia, uma *metodologia*. O recurso a uma metodologia bem estabelecida deve ser sempre alimentada por três fontes: uma primeira que respeite uma lógica de coerência e de integração dos dados que se vão disponibilizando, para se poder depois proceder à edificação de um discurso *sobre* e *com* os vários discursos obtidos; uma segunda deve ser sempre a da definição – progressiva e progrediente – de novas questões, geradoras de respostas que conduzam a outras novas questões, sem o que corremos o risco de nos afastarmos do nosso objecto de estudo, substituindo-o por uma concepção que passa ao lado dele, fora dele, para além dele; finalmente,

(\*) Comunicação apresentada no Seminário «A Psicose na Adolescência», Lisboa, Maio de 1994.

(\*\*) Psicóloga Clínica. Assistente, ISPA.

uma terceira é a que consiste em procurar estabelecer a maior proximidade possível com aquilo que é o sentido que o próprio sujeito confere aos seus próprios actos e pensamentos.

2. Para reflectir e clarificar o primeiro parâmetro, que consiste em estabelecer *uma atitude sobre a qual organizar o nosso percurso de atribuição de sentido*, escolhemos *O Vaso de Ouro* de Hoffman (1992), que conta a história de um pobre estudante – Anselmo – mancebo ao qual acontecem as mais estranhas e maravilhosas coisas. Neste Conto assiste-se ao desenrolar de uma oscilação constante entre um estado de confusão, vergonha, embaraço, revolta e pavor e um estado ordenado pela intensidade do desejo, do sonho e da felicidade. Entre um e outro estados não há nem conciliação, nem reconciliação, nem ligação, nem reparação possíveis, o que os faz aparecer separados, clivados, aguardando que os outros, o fora, o meio envolvente lhes possam conferir, a um e a outro, realidade, tangibilidade e introduza os princípios da ordenação e da ligação.

Este Conto, ao qual o autor chama Lenda, escrito de uma maneira na qual podemos ver a intrincação do poético com o fantástico, com o conseqüente «esmagamento» do tempo e do espaço, interpela-nos a conhecer os confins e os limites da realidade e da irrealidade, interpela-nos directamente, também, pela própria pena do autor, a tomar consciência e partido sobre as causas que nos conduzem a esses reinos:

*«Cabe-me decerto o direito de te perguntar, estimado leitor, se não conhecestes na tua existência horas, sim, dias e semanas em que a tua vida habitual, os actos do dia-a-dia acordavam em ti um mal estar torturante e em que te parecia perder todo o interesse e nada valer tudo o que, aliás, noutros momentos se te afigurava importante e digno do teu esforço? Não sabias que fazer nem para onde te havias de virar; salteava-te o peito um sentimento confuso, obscuro, de como algures e em qualquer tempo haveria de ser possível saciar um desejo mais alto, muito superior a tudo o que consideramos gozos da terra, desejo que o espírito, qual criança receosa, severamente educada, não ousa formular; na ânsia incomportável em busca dessa alguma coisa de indefinido e desconhecido, a pairar como sonho de visões translúcidas, esbatidas, logo*

*em fuga a um olhar mais agudo nesse estado de sonambulismo, emudecidas para tudo o que te rodeava. Sombrio, triste vagueavas como amante sem esperanças e, tudo o que vias fazer às outras criaturas no burburinho febril, nem acordava em ti tristeza nem alegria, exactamente como se já não pertencesse a este mundo.*

*Se, leitor amável, alguma vez conhecestes este estado de espírito, então, por experiência comprendes bem o que sentia o estudante Anselmo.»* (pp. 33-34)

Esta interpelação do autor para que usemos a nossa própria experiência, a nossa subjectividade, na apreciação dos estados por que passa o estudante Anselmo, parece-nos constituir, justamente, o essencial da nossa atitude em qualquer processo de avaliação: *poder conferir sentido a actos ou pensamentos, é dar outro sentido*, é ir além da exuberância do que se revela e expressa, para o que se impõe um processo determinado subjectivamente. Captar um objecto na sua subjectividade é poder deixar que a nossa própria subjectividade intervenha, na sua função de conter e dar sentido, formulação esta na proximidade relativa com o conceito de *rêverie* de que fala Bion.

A possibilidade de podermos captar o nosso objecto de estudo só pode operar num espaço e num tempo criados e recriados por dois parceiros, implicados ambos subjectivamente numa interacção que só o contexto e os saberes respectivos limita e delimita, espaço e tempo onde opera a *intersubjectividade* (Marques, 1992). Nesta inter-acção, feita de incessantes negociações, operam sempre processos que conduzem a que se separem e repartam os elementos, em função da sua significação para cada um dos parceiros. Mas é também esta separação e atribuição de sentido que leva a que esses elementos entrem, obrigatoriamente, em colisão, em confronto e em conflito e isto por causa da participação das duas subjectividades, bem como dos desejos e saberes respectivos. O final deste processo consiste em poder proceder à reconciliação e reunião dos elementos significativos para os dois intervenientes no processo de conhecimento, na procura do sentido o mais próximo possível da subjectividade daquele que pretendemos avaliar.

3. A obrigatoriedade do recurso a uma *teoria*

e *metodologia* a usar em qualquer percurso e processo de avaliação psicológica, a ser seguido com o maior rigor, coerência e integração possíveis, impõe-nos o estabelecimento de uma *conceptualização* claramente formulada. Essa *conceptualização* é, ao mesmo tempo, a *metodologia* que nos *auxilia* no nosso processo de construção de conhecimento, mas é também a que *define e escolhe* os instrumentos, as técnicas auxiliares de que podemos socorrer-nos nesse processo. Entre o *quadro de referência teórico que nos suporta* e as *técnicas que nos auxiliam* terá de haver, obrigatoriamente, uma convergência e coerência inequívocas.

Mas é de igual modo importante ter presente que proceder à *avaliação de um ser psicológico em situação*, ou melhor, *construir um processo de conhecimento numa inter-acção onde opera a inter-subjectividade*, obriga-nos a ter como referência permanente e articulada, concepções de normalidade e de desvio, mas também nos obriga a considerar os processos de crescimento, de expansão e de maturação, que implicam e obrigam a lógicas de colisão, de desligação e de desconstrução.

O percurso que nós seguimos habitualmente é estabelecido pelas *concepções teóricas* que nos explicitam a natureza e as características da *forma como cada sujeito vive e se vive*, em termos de investimento e de representação, na relação consigo e com os outros, mas também a *forma como cada sujeito constrói e se constrói, liga e se religa, transforma e se transforma* através da acção, reacção e inter-acção entre o mundo interno e o externo.

Os recursos técnicos, instrumentais que nos auxiliam, parte integrante deste processo, são, basicamente, a *entrevista clínica* e as *técnicas projectivas*. Entre as concepções que nos fundam e as técnicas que nos auxiliam, procuramos estabelecer, com a coerência e a convergência máximas, uma *metodologia clínica*, que tem como objecto e objectivo fundamentais a captação do funcionamento mental dos sujeitos, respeitando, o mais possível, a lógica interna desses funcionamentos.

## II

A especificidade essencial da Psicologia Clí-

nica, função dos objectos e objectivos que aqui pretendemos estabelecer, é, antes de mais, o poder definir e criar um *tempo* e um *espaço* de revelação-expressão de um sujeito, mas é, também, o poder aclarar o *processo* e o *estado* da constituição-criação de uma história individual, a qual é constantemente (re)escrita, mas é, também, sempre singular e singularizante. O tempo e o espaço da avaliação psicológica só permitirá a revelação-expressão de partes desse processo ou estado, aquelas que são possíveis de actualizar no contexto estabelecido.

A *adolescência*, podendo ser vista nas suas dimensões aparentes, mais ou menos exuberantes, e a maioria das vezes enganosas, obriga-nos a *procurar o sentido* que tais dimensões contêm e implicam. A adolescência deve ser encarada como um processo do desenvolvimento que impõe lógicas e estratégias psicológicas e psico-sociais que conduzem, e obrigam, a processos de colisão, de transgressão, de desrealização, cujo impacto externo está sempre submetido ao olhar do Outro: Outro que poderá acolher, conter e mesmo transformar os efeitos dessa colisão, ou, pelo contrário, atribuir-lhe um carácter negativo, que poderá conduzir à sua eventual cristalização. Propomos, assim, o uso de uma lógica de compreensão e de atribuição de sentido, para uma avaliação e intervenção mais adequadas, fundada no valor dos actos ou pensamentos que se manifestam, que devem ser avaliados quanto à sua génese e fins a que se destinam. Deve procurar-se estabelecer o seu sentido interno e externo, sem qualquer confusão entre um e outro. Só tal conhecimento que advém da compreensão e interpretação, possibilita reorganizar e transformar o efeito produzido por tais comportamentos, fundando uma intervenção que vise extinguir os seus possíveis efeitos devastadores, quer para o próprio sujeito, quer para o Outro.

Cumpre-nos receber e acolher, depurar e purificar, dar sentido a tais expressões externas, para que elas possam, depois, vir a ser devolvidas ao sujeito, para se poder ver das possibilidades de elas poderem ser integradas de novo, vindo a ser importantes, não só porque restauram partes sentidas como danificadas, como também porque permitem a integração e a construção, na proximidade relativa do sentido kleiniano de *reparação*, dimensões à volta das quais deverá concen-

trar-se e ordenar-se todo o nosso processo de atribuição de sentido.

Parece-nos que é mais ou menos consensual que o adolescente procura, através do confronto, da provocação e do antagonismo com o meio, o olhar dos outros para delimitar e conferir realidade, mas, também, para apaziguar uma tensão interna, alimentada por múltiplos factores de ordem interna e externa. Esta procura de delimitação e de apaziguamento segue, todavia, um trilho tortuoso, hesitante, custoso; trilho a construir num labor imenso, num cenário às vezes despojado, outras vezes habitado por personagens mágicas, potentes, onnipotentes, mas também, e ao mesmo tempo, por personagens maléficas, aterradoras, eventuais representantes da desertificação e da castração. Conviver num tal cenário privado, interno, obriga muitas vezes a procurar, no exterior, uma delimitação e uma definição que não se sente existir dentro, podendo surgir, então, as condutas externas, que podem corresponder a múltiplas soluções ensaiadas, a ensaiar (Marques, 1993a).

Toda a literatura psicológica que procura explicar e interpretar o sentido da crise na adolescência (Braconnier, 1985) é mais ou menos unânime em reconhecer que esta pode ter a ver com estratégias eventualmente pontuais, que podem ser encaradas como procura de solução de um conflito de natureza interna, estratégias que podem visar a procura da adaptação (Marques, 1991a). E é aqui que se impõe uma atitude do meio *suficientemente boa* (Winnicott, 1971/75), já que essa atitude – reacção e acção – poderá fundar, através daquilo que o adolescente conseguir identificar, experienciar e integrar da relação com o Outro, novas características de relação.

Ao conferirmos à adolescência o estatuto de período do desenvolvimento marcado por alterações e transformações importantes, devemos considerar que tal período é caracterizado pela necessidade de negociar tendências diferentes, opostas, mesmo contraditórias, cujos processos expressam a necessidade de uma negociação incessante, que mobilizam uma enorme quantidade de energia, e que dão origem a um sentimento ordenado pela *inquietante estranheza, sentimento movente* que leva a que o mundo interno e externo sejam vivenciados com enorme intensidade, acuidade, tornando muitas vezes instáveis

e precárias as capacidades de adaptação. Contudo neste processo levado a extremos incríveis, podem surgir capacidades e possibilidades adaptativas igualmente incríveis (Marques, 1993b).

Todo o tipo de condutas reveladas durante a adolescência, sobretudo a oscilação entre a expressão pulsional não objectal e a objectal, entre a realidade interna e a externa, entre a relação com o familiar e a emergência do estranho – relação esta ordenada pela emergência de um novo corpo, com novas características, novas potencialidades e novos desejos –, entre os comportamentos de autonomização e os de dependência, todas estas condutas, com a clara marca da ambivalência, cumprem um objectivo preciso: a construção-reconstrução e constituição de um espaço psíquico alargado mas sempre singular, onde o presente-passado-futuro se sintetizam, se integram, de novo, em função das novas possibilidades e potencialidades, espaço psíquico a construir na afirmação, firmação e confirmação de Si e do Outro (Marques, 1991b).

Só que este processo, este trabalho que expressa os caminhos da maturação física, psíquica e social, exige um *tempo* (Winnicott, 1962/69) - na voz do poeta J. de Sena esta necessidade imperiosa expressa-se através do grito *dêem-me espaço para ver passar o tempo!* -. Entre o que pode e deve permanecer ligado e o que pode e deve desfazer-se para ser ligado e religado de novo, inaugura-se um tempo a ser vivido, experienciado e inaugura-se, também, a necessidade de um novo espaço.

Contruir, na ligação-desligação-ligação, um *Eu Outro* (Cahn, 1991) exige um trabalho de transformação, ligação-criação, integração-criação que opera num constante conflito entre permanência e mudança, entre clivagem e integração.

### III

1. Concluir, no final de um processo de avaliação sobre o funcionamento mental de um adolescente, sobre uma expressão psicótica implica considerar que ele se encontra preso nas teias de um *processo*, mais ou menos eminente, ou então de um *estado de ruptura e de desligação consigo próprio e com o Outro*.

Poder-se-á falar em psicose na adolescência quando existir um processo, ou eventual estado – processo ou estado que têm ancoragem diversa nas relações precoces – de *desintegração* do investimento e da representação de Si, com a concomitante *confusão* dentro/fora, sujeito/objecto, sinal da perda de limites que expressa, revelando, *perturbações da identidade subjectiva* mais ou menos graves; *perda ou fluidez excessiva do sentimento de continuidade de Si* e graves *danos na coerência do Eu*, que se podem fazer acompanhar, mais ou menos, por dificuldades ou mesmo uma *ausência de fantasmaticização* e inclusivé um *empobrecimento da vida fantasmática* (Chabert et al., 1990).

Esta desintegração, esta ruptura e desligação – aquilo que não se pode ligar, inscrever e integrar na história do sujeito – tem a marca da persistência e rigidez de atitudes defensivas massivas e arcaicas – *clivagem, recusa da realidade e projecção evacuativa* – que conduzem à *impossível subjectivação* por redução dos movimentos introjectivos (Cahn, 1991).

Captar a essência dum processo ou estado psicológico deste tipo passa, obrigatoriamente, por ir ao encontro da lógica interna do sujeito, do seu funcionamento mental, servindo-nos de pouco o recurso a critérios sintomáticos, comportamentais e socio-adaptativos.

2. Os métodos projectivos – referimo-nos essencialmente ao Rorschach e ao T.A.T. – desempenham um papel auxiliar importante neste processo de atribuir um sentido à lógica interna que sustenta as condutas de um sujeito. Na nossa concepção, estes são os instrumentos que, ao serem usados de uma forma complementar entre si, melhor permitem a revelação-expressão da natureza da *vinculação à realidade interna e externa*, bem como a natureza da *relação, transformação e ligação entre uma e outra* (Marques & Aleixo, 1994).

Através do processo e da expressão das respostas-Rorschach e do contar as histórias T.A.T., consegue-se perceber o percurso que cada sujeito trilha na constituição e construção de sentido, percurso fundado *na e pela* projecção. Tal percurso passa, em filigrana, num *continuum* que opera, inicialmente, a partir das potencialidades e possibilidades dum sujeito se vincular e in-

vestir o objecto externo, o que conduz ao reconhecimento e à identificação dos seus elementos constitutivos, que se devem colorir com as características dos elementos que advém da realidade interna, mas obriga, depois, a que se proceda à separação e à ligação entre o interno e o externo, com vista à constituição de um novo objecto, que tenha, ao mesmo tempo, características do objecto interno e externo. Explicitando melhor, quando um sujeito é confrontado com os cartões Rorschach e/ou T.A.T., e aceita a «instrução» que lhe é fornecida que o conduz à interpretação e não à descrição, revela as características do investimento e da vinculação com o objecto externo – Psicólogo, cartões e situação projectiva estabelecida num contexto clínico –, características estas que sustentam o processo de reconhecimento e de identificação.

Interpretar os cartões, atribuir-lhes um sentido, dar uma resposta ou uma sequência de respostas-Rorschach ou contar uma história T.A.T., passa através de um processo em que operam *separação-ligação-separação*, isto é, interpretar é *identificar* e respeitar as características objectivas e manifestas do material, bem como o contexto em que tal material é apresentado, mas é também, depois, *colorir* essas características com elementos da realidade interna, deixando participar a subjectividade, mas não deixando de manter *separadas* as características que advém do externo e do interno para que a reunião e *ligação* possa operar.

É este o processo que conduz a que, através das verbalizações que se produzem e que deverão trazer a marca dos dois mundos separados e ligados, se produza um *novo objecto* isto é, um objecto recriado porque tem características mistas desses dois mundos, sem que haja «esmagamento» de um pelo outro, confusão entre um e outro, dominância de um sobre o outro. Com uma certa simplificação podemos dizer que, caso o mundo interno domine sobre o externo, aparece a desrealização e a recusa da realidade, acompanhadas, eventualmente, pelo retraimento narcísico ou pela criação de uma neo-realidade; caso o mundo externo domine sobre o interno, aparecerá o empobrecimento da fantasmaticização; caso haja confusão entre um e outro, com uma maior ou menor ruptura entre eles, com maiores ou menores capacidades de ligação entre eles, pode aparecer um empobrecimento da vida psi-

quica, resultado da desertificação na proximidade eventual da morte psíquica.

3. Consideramos sempre o uso conjunto e complementar destas duas técnicas projectivas, porque, apesar de ambas se sustentarem num processo que pode ser formulado como atrás o fizemos, existem especificidades de cada uma delas que decorrem das respectivas particularidades perceptivas: enquanto o Rorschach nos possibilita, basicamente, o acesso às dimensões ditas *estruturais* do funcionamento mental, o T.A.T. possibilita-nos o acesso às dimensões *relacionais* desse mesmo funcionamento.

Interpretar uma mancha Rorschach obriga a operar, inicialmente, uma separação clara entre figura-fundo, branco-negro, que revela a natureza da delimitação e da separação entre dentro-fora, sujeito-objecto, que se organiza e estrutura a partir de uma representação corporal vivida como unitária e íntegra, ou não. A interpretação que emerge trará a marca do trabalho de ligação, transformação e criação que foi operado.

Podem expressar-se através das respostas-Rorschach os elementos que assinalamos como reveladores da expressão psicótica: natureza da representação e do investimento de Si e do Outro, suficientemente separados, ou não; natureza da ligação, ou eventual ruptura, entre interno e externo; possibilidades de constituição de novos objectos, com participação devidamente separada e ligada da subjectividade e da objectivação. A análise desta expressão, o peso relativo destes elementos, os danos que podem existir, por um lado, na *impossível subjectivação* que conduz à desertificação, ou, por outro lado, na *impossível objectivação* que conduz à desrealização, levam-nos a estabelecer critérios de prognóstico.

O apelo relacional do T.A.T. e a proposta dos cenários conflituais dos cartões, ao não colocar em primeiro plano, como o Rorschach, as dimensões da integridade corporal, possibilitam o surgimento de movimentos evolutivos, mais ou menos discretos, importantes de ser considerados, porque aclaram e esclarecem melhor os processos de vinculação, ligação e transformação que existem ainda activos e disponíveis.

## BIBLIOGRAFIA

- Braconnier, A. (1985). Ruptures et Séparations. *Adolescence*, 3(1): 5-19.
- Cahn, R. (1991). *Adolescence et Folie. Les déliaisons dangereuses*. Paris: P.U.F., Le Fil Rouge.
- Chabert, C., Behar-Azoulay, C., Chrétien, M., Guedeney, N., Jeammet, Ph., Aubin, J.-P., Birot, E & Brechon, G. (1990). Evaluation des processus de changement au cours du traitement d'adolescents psychotiques. *Psychiatrie de l'Enfant*, XXXIII(1): 189-285.
- Hoffmann, E.T. (1992). *Vaso de Ouro*. Lisboa: Cultarte, Autores Universais.
- Marques, M.E. (1991a). As manifestações dos mecanismos adaptativo-defensivos nos Rorschach de adolescentes. *Análise Psicológica*, IX(2): 203-209.
- Marques, M.E. (1991b). L'adolescence comme processus de transgression des limites: son expression au masculin et au féminin. *Rorschachiana*, XVII.: 308-312.
- Marques, M.E. (1993a). *Adolescência e Transgressão: entre a transgressão dos limites e os limites da transgressão*. Comunicação apresentada no Congresso «Os Jovens e a Justiça», Lisboa. (A publicar nas Actas do encontro).
- Marques, M.E. (1993b). L'expression féminine et masculine de l'adolescence a travers le Rorschach: le travail de transformation et de construction à l'adolescence. *Bulletin de la Société de Langue Française du Rorschach*, 36: 41-55.
- Marques, M.E. (no prelo). *Do desejo de saber ao saber do desejo. Contributos para a caracterização da situação projectiva*. Comunicação apresentada no Colóquio «Relação Terapêutica», ISPA, Lisboa (a publicar no presente número de *Análise Psicológica*).
- Marques, M.E. & Aleixo, P. (no prelo). *O Rorschach na Avaliação Psicológica: a revelação do trabalho de ligação e de transformação do interno e do externo*. Comunicação apresentada na II Conferência Internacional «Avaliação Psicológica: Formas e Contextos», Braga (a publicar no presente número de *Análise Psicológica*).
- Winnicott, D.W. (1962/1969). L'adolescence. In *De la Pédiatrie à la Psychanalyse*, pp. 257-266, Paris: P.B. Payot.
- Winnicott, D.W. (1971/1975). *Jeu et Réalité. L'espace potentiel*. Paris: Ed. Gallimard, N.R.F.

## RESUMO

O percurso a estabelecer no processo de avaliação psicológica, no processo de constituição e construção de conhecimento *sobre* e *com* um sujeito, deve operar num processo de atribuição de sentido, construído num espaço e num tempo limitados e delimitados, e deve ser realizado com o recurso a uma conceptualização teórica e a uma metodologia claramente definidas e convergentes.

Na conclusão do processo de avaliação devem evidenciar-se, claramente, as características desadaptativas de um processo ou estado psicológico, mas devem evidenciar-se, igualmente, as características adaptativas, que possibilitam o crescimento, a mudança, a transformação e a expansão que nos revelam as vias para a intervenção possível e desejável.

O Rorschach e o T.A.T. são apresentados como instrumentos que possibilitam e facilitam o processo de constituição e construção de conhecimento.

#### ABSTRACT

The path followed by the clinical psychologist in the assessment process, in the process of constituting

and constructing the knowledge *of* and *with* a subject, should operate by meaning attribution. It should also be constructed in a limited and delimited time and space and should be implemented with the support of a clear defined and converging theoretical and methodological perspective.

In the conclusion of the assessment, a clear reference should be made to the desadaptative characteristics of a process or psychological state. Reference should equally be made to the adaptative characteristics that lead to growth, change, transformation and the expansion that indicate to us, the paths to be taken towards a possible and ideal intervention.

Rorschach and T.A.T. are presented as instruments that make possible and facilitate the constituting and constructing process of knowledge.